

A IDENTIDADE CULTURAL EM ATALIBA, O VAQUEIRO

Katiane Régis Pereira Martins¹

RESUMO: O universo literário nordestino, em particular o piauiense, é rico em traços culturais marcantes e singularmente bem peculiares, como a existência de uma diversidade significativa de obras literárias que esboçam a cultura da região, bem como também a influência da religiosidade no cotidiano dos nativos dessa terra. Mas, apesar da existência de tais traços, viu-se a necessidade de se estabelecer um estudo mais aprofundado sobre eles, bem como a influência que eles exercem na formação da identidade cultural piauiense. Com isso, buscaremos analisar os traços culturais que constituem a identidade cultural em *Ataliba, o vaqueiro*, obra piauiense de autoria de Francisco Gil Castelo Branco. Esse piauiense mostrou nessa breve narrativa a grande riqueza cultural existente no Piauí, como traços da religiosidade, mitos, lendas, vestimentas, dentre outras características que fazem a obra ser considerada uma grande obra literária piauiense. Tendo isso em vista, indaga-se de que modo esses elementos contribuem para a construção da identidade cultural na obra em análise. Partindo disso, o trabalho se pautará nas concepções dos autores: Laraia (1997), Castells (1999) e Hall (2006). Autores estes que expõem em suas obras a preocupação de se analisar os aspectos que influenciam no processo de formação identitária do sujeito. Além de nos pautar também nos autores: Nunes (2011), Magalhães e Rêgo (2011), os quais apontam críticas da obra em estudo, além de darem contribuição significativa aos estudos da literatura piauiense propriamente dita. Por fim, concluiremos que a obra está permeada de traços típicos da cultura piauiense que ajudam na formação da identidade cultura da obra analisada.

PALAVRA-CHAVE: Identidade cultural; *Ataliba, o vaqueiro*; Francisco Gil Castelo Branco.

ABSTRACT: The Northeastern literary universe, particularly Piauí, is rich in outstanding cultural traits and uniquely very peculiar, as the existence of a significant diversity of literary works that outline the region's culture, and also the influence of religion in everyday natives of this land. But despite the existence of such traits, we saw the need to establish further study on them, and the influence they have in shaping cultural identity Piauí. With this, we will seek to analyze the cultural traits that constitute the cultural identity *Ataliba, o vaqueiro*, Piaui work by Francisco Gil Castelo Branco. This Piauí showed that brief narrative the great cultural wealth existing in Piauí, as traces of religion, myths, legends, clothing, among other features that make the work be considered a great literary work Piauí. With this in mind, asks that how these elements contribute to the construction of cultural identity in the work in question. From this, the work shall be founded on the ideas of the authors: Laraia (1997), Castells (1999) and Hall (2006). Authors those that expose their works in the concern to analyze the factors influencing the

¹Pós-graduada em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Evangélica Cristo Rei – FECR. Graduada em Letras português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. (katyregismartins@hotmail.com) Tel.: (86) 9 9924-9770.

process of identity formation of the subject. In addition to the also guided the authors: Nunes (2011), Magellan and Rego (2011), which point out critical work in study and to give significant contribution to Piauí literature studies itself. Finally, we will conclude that the work is permeated with typical traits of Piauí culture that help in the formation of cultural identity of the analyzed work.

KEY-WORD: cultural identity; Ataliba, o vaqueiro; Francisco Gil Castelo Branco.

Ao expedirmos à abordagem da identidade cultural em nossos estudos, temos em mira que as pesquisas referentes a essa temática são bem trabalhadas nos cursos de letras e que cada vez mais são desenvolvidas pesquisas sobre o tema, buscando, assim, encontrar traços que identifiquem a formação da identidade cultural em obras de autores brasileiros, mas não podemos deixar de mencionar o pouco interesse por parte dos estudantes piauienses de letras em buscar desenvolver pesquisas sobre essa temática no âmbito de produções de autores piauienses.

De acordo com os dados colhidos em Hall (2006), podemos dizer que o tema aqui abordado vem tendo um grande enfoque e adentrando em discussão na teoria social, isso porque as identidades estão entrando em declínio, desestabilizando as que antes mantinham a organização do mundo social. A assim chamada “crise de identidade” é entendida como componente de um processo de mudança que causa essa desestabilidade na identidade dos indivíduos. Para Hall:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (HALL, 2006, p. 1).

Essa mudança estrutural abordada por ele é tratada como mudanças na sociedade em si, a qual está permeada de grandes transformações que fazem com que os indivíduos pertencentes a ela, tornem-se sobrecarregados de informações e passem assim a não absorver de forma eficiente, tais mudanças, abalando com isso sua identidade pessoal e social. E para esse duplo abalo, Hall, chamou de “crise de identidade”. Entendamos aqui, que essa identidade do indivíduo não lhe é inata, pois esta é construída ao longo da vida do indivíduo, o qual estará presente em uma sociedade que possuirá suas regras, sua cultura e seus interesses.

Ainda em Hall (2006) podemos encontrar as três concepções de identidade propostas e distinguidas por ele. A primeira é referente ao sujeito do iluminismo, a qual

está centrada em uma percepção individualista do sujeito, este que seria um ser centrado e dotado das capacidades racionais, além de ser um ser único e essencialmente o mesmo durante toda sua vida.

A segunda concepção é a destinada à noção do sujeito sociológico, este que possui sua identidade formada a partir da interação: indivíduo e sociedade. Nesta concepção o indivíduo possui o seu eu próprio, chamado por Hall de “eu real” que dialoga com o mundo exterior ou mundo cultural, causando assim a modificação da identidade do sujeito.

Em sua terceira concepção, Hall, traz a abordagem do sujeito pós-moderno, o qual para ele não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. Isso ocorre devido o sujeito está exposto em um mundo em constante transformação, o que provoca desestabilidade identitária do sujeito. Para Hall (2006), “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 2006, p. 2). Isso quer dizer que não existe uma identidade do sujeito em seu todo unificada e coerente.

E é partindo do entendimento da construção da identidade de um indivíduo, este que pertence a uma comunidade com suas características peculiares, que buscaremos analisar os traços culturais que constituem a identidade cultural em *Ataliba, o vaqueiro*, a qual é uma obra piauiense de autoria de Francisco Gil Castelo Branco. Este piauiense mostrou nessa breve narrativa a grande riqueza cultural existente no Piauí, como traços da religiosidade, mitos, lendas, vestimentas, dentre outras características que fazem a obra ser considerada uma grande obra literária piauiense.

A obra de cunho romântico, como aborda Nunes (2011) foi publicada em 1880² pela Tipografia Cosmopolita, do Rio de Janeiro. O fato de a publicação ter ocorrido no Rio de Janeiro foi em virtude do atraso do desenvolvimento tipográfico da capital, pois, como retrata Magalhães “as primeiras tipografias comerciais de Teresina surgiram em 1906: a Libro-Papelaria Veras e a Tipografia Paz, também conhecida como Tipografia da Farmácia dos Pobres. (MAGALHÃES, 1998, p.119). A partir do momento que houve esse desenvolvimento no ramo gráfico na capital Teresina, muitos autores piauienses, que antes publicavam suas obras em outros estados, passaram a publicar suas obras em seu próprio

² No que diz respeito ao ano de publicação da obra temos algumas discordâncias entre críticos da Literatura Piauiense, pois alguns, como Nunes (2011), dizem que a obra *Ataliba, o vaqueiro* teve sua publicação no ano de 1880. Já Reis (2011), diz que a obra foi publicada no ano de 1878. Talvez esse fato decorra da publicação primeira da obra, que ocorreu em forma de folhetim no Diário de Notícias, do Rio de Janeiro, isso em 1878. E já sua publicação em uma tipografia propriamente dita se deu em 1880. Então entendemos que alguns críticos consideram o ano de publicação em folhetim, já outros o ano de publicação em uma tipografia.

estado, pois as publicações já possuíam uma qualidade que supriam as exigências da modernidade que já aparecia naquela época.

Toda essa falta de desenvolvimento tipográfico da capital piauiense fez com que muitos autores não fizessem um grande número de produções. Mas como expõe Magalhães (1998):

Apesar do entusiasmo com que as primeiras tipografias foram recebidas pela sociedade teresinense, pela imprensa, sobretudo, que até as promovia à condição de casas editoras, o ineditismo continuou perseguindo os sonhos de fama e reconhecimento literário dos autores do Piauí. Esses continuavam a contar, principalmente, com o jornal para a publicação de seus trabalhos (MAGALHÃES, 1998, p. 122).

Ou seja, muitos autores piauienses ainda recorriam aos jornais para poderem expor seus trabalhos.

Em sua obra: *Literatura Piauiense – Horizontes de Leitura e Crítica Literária* (1998), Socorro Magalhães inova, pois buscou analisar o sistema literário piauiense a partir do leitor, mas classificou a obra *Ataliba, o vaqueiro* como sendo apenas uma manifestação literária. Assim a classificou, pois “as primeiras manifestações literárias de autores piauienses ocorreram na segunda metade do século XIX, praticamente sem publicações locais” (MAGALHÃES, 1998, p.136). Magalhães ainda propôs um pequeno conjunto de obras literárias locais, que senão publicadas, pelo menos foram impressas em outros estados.

Ela fez esse corte cronológico devido a:

Abundância de ocorrências significativas no que tange à esfera cultural e literária, tais como a fundação da Academia Piauiense de Letras e a ampliação do número de revistas e grêmios literários, além do surgimento das primeiras edições em âmbito local de obras de escritores piauienses (MAGALHÃES, 1998, p.27).

A obra *Ataliba, o vaqueiro* assim como aborda Moura (2001) está inserida na Geração Histórica piauiense, seja por ter sido publicada no fim do século XIX, ou seja, por tratar de uma temática que está presente na história do estado. Como ressalta Nunes (2011) a obra é de “cunho romântico, anteriormente aparecida em folhetim e que retrata, em cores dramáticas, toda a tragédia da seca no Nordeste, cujo cenário é o Ceará e o Piauí” (NUNES, 2011, p. 8), continuando ainda por dizer que:

Esta obra, pioneira no assunto, é a rigor a primeira manifestação conhecida do romance da seca, em nossa história literária, explorando assim, magistralmente, um filão que continuaria até os nossos dias [...] (NUNES, 2011, p. 8).

Como sabemos posterior a obra *Ataliba, o vaqueiro*, precisamente na década de 30, surgiu um movimento que viria mudar o fazer literário da época, esse movimento foi chamado de romance de 30, o qual “se implantaria em nossa literatura na esteira da renovação estética trazida pelo modernismo” (NUNES, 2011, p. 7) e que traria como temática a realidade vivida por povos da região nordeste.

O romance, como expõe Moura (2001, p. 43) tem “sua temática centrada no flagelo das secas, e, de modo especial, da seca de 1877”, ao retratar a região piauiense, Francisco Gil Castelo Branco, mostra traços típicos da região que é observado logo no início da narrativa:

Em linda tarde de um dos últimos dias do mês de setembro do ano próximo findo, Teresinha estava assentada em uma **lage**, à beira de um riacho cristalino, que coleava por um leito de areias e pedregulhos. Uma grande **cabaça** e uma **rodilha de fibras de palmeira** estavam ao seu lado, indicando que viera à fonte buscar água (CASTELO BRANCO, 2011, p. 33. Grifos nossos).

Ao trazer para dentro da obra traços marcadamente regionais Francisco Gil Castelo Branco expõe a valorização da cultura local, a qual mostra a tendência de se estabelecer o processo memorialístico de uma cultura bem peculiar, abordando expressões de seu linguajar e objetos que estão presentes na vida cotidiana de seu povo. Como se sabe, cultura, no dizer de Santos (2006, 37), “é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social”, ou seja, a cultura é algo natural que vai se construindo e que sofre transformações ao longo do tempo devido ser um produto social, com isso, passível de mudanças.

Toda a obra possui traços marcadamente regionais que possibilitam a formação da identidade cultural dos indivíduos. Pois a partir do momento que estes indivíduos passam a fazer parte de uma comunidade, passam a extrair dela informações significativas para sua formação individual, que como bem aborda Silva e Souza (2006):

A informação permite ao indivíduo construir seus saberes no que se refere à realidade cultural; esses elementos vão sendo absorvidos quase sempre sem que a comunidade tenha consciência disso. As informações vão se somando, permitindo a elaboração de um sistema de valores que

contribuem para a formação da identidade cultural desse povo (SILVA e SOUZA, 2006, p. 215).

Tal característica é bem tratada nas passagens:

Lá, a timidez, o respeito, a descrição e os desvelos acompanham a donzela em todos os seus movimentos [...] Os moços sertanejos consagram uma espécie de culto à virgindade; acanham-se perante ela, compreendem-na, adivinham-na por um gesto, por um sorriso, por qualquer contração da fisionomia, nunca a farão corar com uma ousadia, com um pensamento malicioso (CASTELO BRANCO, 2011, p. 39).

No sertão, o sertanejo adquire a informação da valorização do caráter individual na convivência com seus semelhantes e na sua educação é prezada a questão da honra entre as pessoas, ou seja, desde criança ele é informado que se deve honrar o caráter de sertanejo, passando assim, uma imagem positiva de seus atos. Como defende Laraia (1997, p.46) “o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”. Em outras palavras, o homem é um ser que, ao socializar com o meio passa a adquirir influências na formação de sua identidade, influências estas que são formadas e trazidas de gerações passadas para as seguintes.

No dizer de Hall (2006):

A identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006, p. 2).

Ou seja, na narrativa os personagens têm a sua identidade construída a partir da interação deles com o ambiente em que vivem, sendo este ambiente permeado de uma cultura que foi construída há anos e que foi repassada para as gerações futuras.

O trajar e a fisionomia do sertanejo expõem o seu valor ante a comunidade interiorana, como podemos ver nas passagens:

Ataliba era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu trajar caprichoso indicava desde logo que ele era um vaqueiro e enamorado (CASTELO BRANCO, 2011, p. 36).

E como demonstração de suas qualidades identitárias podemos observar o trecho “- Sô Ataliba, vocemecê é um homem do bom miolo, tem qualidades, tem nata e soro...” (CASTELO BRANCO, 2011, p. 48). As qualidades identitárias de um sertanejo são levadas e construídas desde o seu nascimento até sua morte, pois estes procuram memorizar na história de seu povo suas características peculiares. Assim:

A construção da identidade vale-se de matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasia pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso (CASTELLS, 1999, p.23).

Sendo uma matéria-prima para a sociedade, a identidade cultural também expõe aspectos religiosos, como afirma Castells acima, e na obra é trazida para a realidade atual, crenças e saberes de cunho religioso, que são repassados de geração em geração, vistos em:

Deodata desapareceu em um salto e voltou imediatamente, trazendo um ramo bento, com o qual principiou a bater sua filha, fazendo mil trejeitos engraçados.
- Está enfeitada! ... Por isso os tições estão apagados! É quebranto da Mãe D'água! A demora à fonte! ... Não querem acreditar na gente antiga! (CASTELO BRANCO, 2011, p. 41).

Mas não somente nessa passagem podemos ver a presença dessa característica identitária, em outras é bem peculiar a exposição das crenças populares, como defende Magalhães e Rêgo (2011):

Digna de destaque é a passagem em que Deodata, a mãe de Terezinha, julgando-a enfeitada pela Mãe d'Água, faz realizar uma cerimônia para por fim ao quebranto. São as crenças dessa gente simples do sertão, levadas, através do folhetim, aos leitores do Rio de Janeiro (MAGALHÃES e RÊGO, 2011, p. 24).

A passagem é a seguinte:

- Está livre a rapariga! ... Custou! Estou sempre lhe dizendo: - Terezinha, minha filha, faze o sinal da cruz no pescoço da cabaça antes de a meteres na fonte. Neste riacho há uma Mãe d'Água. Não quer me atender! Chora! Chora! Deixa sair o encanto! (CASTELO BRANCO, 2011, p. 42).

A obra “Ataliba, o vaqueiro” de Francisco Gil Castelo Branco é uma narrativa de grande valor folclórico para a literatura piauiense e brasileira, pois mostra as características peculiares do povo piauiense como também a realidade do povo da terra narrada.

Sabe-se que antigamente as narrativas tradicionais se constituíam em um vínculo de transmissão da história dos antepassados de um povo às gerações mais novas e essa particularidade ainda persiste nos dias atuais. Como podemos observar na narrativa analisada, o narrador tenta mostrar aos seus sucessores a realidade vivida pelo povo de sua terra, porém não só isso, mais também, como esses traços folclóricos influenciam na personalidade dos personagens da narrativa.

Em *Ataliba, o vaqueiro* como já dito é possível encontrar vários traços típicos do folclore nordestino, os quais ajudam na construção da identidade dos personagens da narrativa e isso logo de início é nítido, pois é apresentada em seu início uma cantiga (acalanto), esta que exalta as belezas do sertão.

São vivas as cores
das belas flores
do meu sertão!
São vivas as dores
dos teus amores,
meu coração (CASTELO BRANCO, 2011, p. 34).

As cantigas são bem usadas, pois expõem as características do povo, suas alegrias e mazelas, além de exaltar a região. Castelo Branco, para bem mostrar os traços típicos nordestinos, não deixou de fora os desafios ou repentes, que procuraram entreter e animar o povo. Faz uso de tais traços, mas explica ao leitor o que viria a ser os desafios:

As palmas cadenciadas e as cantigas não se interrompem, sendo notável a facilidade do improviso e a riqueza de rimas que ocorrem aos sertanejos nos seus desafios, como qualificam a essa permuta de versos, nos quais transluz frequentemente a amenidade dos nossos poetas líricos corretos (CASTELO BRANCO, 2011, p. 64).

Os desafios podem estar presentes na vida dos sertanejos, ora em momentos de alegrias, ora em momentos de dor, como podemos notar nas passagens:

Meu amo Sô Ataliba
meu amo do coração
vai casar c'o sinhá moça,
rainha deste sertão

ATALIBA

A flor do pequi é branca,
do bacuri encarnada,
a flor do jambo é bonita,
mais bonita é minha amada (CASTELO BRANCO, 2011, p. 65).

Tal passagem expõe o amor e a subjetividade dos personagens, mas já no trecho, a seguir nos é retratado um ambiente de tristeza ante aos acontecimentos vivenciados:

Cava, cava, ó caçador,
um poço para beber
o gado desta fazenda
que da seca vai morrer.

A chuva não quer chover,
nem a desgraça parar!...
os campos ficaram secos
o riacho vai secar (CASTELO BRANCO, 2011, p. 78).

Vastas são as passagens que demonstram os traços da oralidade piauiense, que mostram a forma particular do povo nordestino, como:

... Terezinha estava *assentada* em uma lage...
(CASTELO BRANCO, 2011, p. 33).
- Quando chegava ao campo do Jacu, vi uma *veada* com este bichinho...
... O senhor ainda se sai mal destas batidas de emas e veados, *Sô Ataliba!*...(CASTELO BRANCO, 2011, p. 37).

Em vários trechos observamos traços das vestimentas do povo da região, o vaqueiro com suas “perneiras”, “guarda-peito”, “gibão”, “faca de cabo de prata metida na bainha”, Terezinha com sua “saia de chita” e “um chinelozinho de capoeiro”. Porém, não devemos esquecer que o Brasil foi um país que sofreu grandes influências de outros povos, devido ter sofrido o processo de colonização, por isso, existem traços de outras culturas na literatura brasileira em geral. Em *Ataliba* não é diferente, pois notamos em alguns trechos, aspectos típicos das culturas portuguesa, indígena e africana.

Em vários fragmentos como já mencionado analisamos traços simbólicos do folclore piauiense e brasileiro, como aspectos da religiosidade e credices que são muito expressivos no diálogo:

- Que dê o papa-fogo, rapariga?
- Não me lembro, mamãe!
- Em nome da Santa Imaculada, que dê o papa-fogo, rapariga?
- Não sei, mamãe.
- Em nome da Santa Madre Igreja, de São Pedro e de São Paulo, que dê o papa-fogo, rapariga? (CASTELO BRANCO, 2011, p. 42).

Adágios também:

Olhe! quem avisa meu amigo é!

Um dia cai a casa! (CASTELO BRANCO, 2011, p. 37).

Não se podem deixar de fora os contos populares citados na narrativa, como a história de duendes e as lendas que estão expressas como exemplo podemos citar a lenda da Mãe d'água.

Ao fim do nosso trabalho concluímos que a obra *Ataliba, o vaqueiro* de Francisco Gil Castelo Branco, está permeada de traços típicos da cultura piauiense, traços estes que ajudam na formação da identidade cultural dos indivíduos. Identidade esta formada a partir da socialização do sujeito com o meio a qual está inserido e é mantendo essa interação que o indivíduo faz uso dos traços culturais presentes em seu meio, como: adágios, elementos religiosos, desafios, traços da oralidade dentre outros. Concluímos também que a identidade do indivíduo não é inerte, sofrendo assim, transformações ao longo da vida do sujeito.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o vaqueiro**. Copyright. 10ª edição. Fundação Quixote, 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas, tradução: Tomaz da Silva e Guacira Lopes Louro.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura Piauiense – Horizontes de Leitura e Crítica Literária (1900 – 1930)**, Teresina; Fundação Cultural Mons. Chaves; 1998.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios; RÊGO, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do. *Ataliba, o vaqueiro: Folhetim da seca*. IN: **Ataliba, o vaqueiro**. Copyright. 10ª edição. Fundação Quixote, 2011.
- MOURA, Francisco Miguel de. *Literatura do Piauí, 1859 – 1999*, Francisco Miguel de Moura; Ed. Academia Piauiense de Letras – convênio com o Banco do Nordeste: Teresina, 2001.
- NUNES, Manoel Paulo. *O romance da seca*. IN: **Ataliba, o vaqueiro**. Copyright. 10ª edição. Fundação Quixote, 2011.
- REIS, Maria Gomes Figueiredo dos. *Ataliba, o vaqueiro: Precursor do romance da seca*. IN: **Ataliba, o vaqueiro**. Copyright. 10ª edição. Fundação Quixote, 2011.
- SANTOS, José Luiz dos, 1949-0 **que é cultura** / José Luiz dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 2006. - - (Coleção primeiros passos; 110)12ª reimpressão. da 16ª. Ed. de 1996.
- SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA. Edivânio Duarte de. **Informação e formação da Identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel**. Inf. & Soc. Est., João Pessoa, v.16, n.1, p.215-222, jan./jun. 2006.